

A QUESTÃO AGRÁRIA

A obra se divide em duas partes, na 1ª parte o autor aborda a evolução da agricultura na sociedade capitalista, já na 2ª Parte Kautsky aborda a questão da política agrária da Social-Democracia.

Inicialmente o autor coloca que é o modo de produção capitalista que domina a sociedade. No entanto, vale ressaltar, que este não é a única forma de produção existentes na sociedade, junto a este vê-se alguns remanescentes de outros modos de produção capitalista.

O modo de produção capitalista, como bem se sabe, desenvolveu-se primeiramente nas cidades, assim sendo nas indústrias, mantendo sua influência longe da agricultura, por enquanto. Porém o desenvolvimento industrial já conseguiu modificar o caráter da produção agrícola;

Sobre a família camponesa medieval, esta constituía uma cooperativa autossuficiente, que construía seus próprios produtos de consumo pessoal, assim como construía sua própria, seus moveis, utensílios domésticos e ferramentas, curtia o couro, preparava o linho e a lã, assim fazia suas próprias roupas. Só ia ao mercado apenas para vender o excedente de sua produção. A relação estabelecida entre camponês e este mercado dizia respeito apenas a artigos de luxo, isto se o primeiro o quisesse. Caracterizando-se como autossuficiente jamais sua existência esteve atrelada ao mercado. A família camponesa se apresentava então como cooperativa além de autossuficiente, indestrutível, os males que poderiam acontecer ao mesmo eram passageiros.

Analisando, agora, a situação geral da classe agrária é possível verificar que ocorre um processo enorme de revolução econômica durante estes anos. E foram durante esta revolução econômica que a indústria urbana e o comércio foram os primeiros a acabar com a profissão de agricultor. Foram estes mesmo que forneceram uma demanda de novos produtos a população, demanda que a indústria agrícola era incapaz de satisfazer. A demanda destes produtos e ferramentas novas e mais perfeitas começam a invadir o campo à medida que o intercâmbio entre cidade e campo cresciam. A dissolução da indústria camponesa de consumo de subsistência já tivera seu início na Idade Média quando surgiram as profissões artesanais urbanas.

Com a evolução deste processo de “industrialização”, a tradicional indústria doméstica camponesa se dissolve a cada dia; fazendo com que este passe a utilizar o dinheiro não só para o supérfluo mas igualmente para adquirir o necessário, sem o dinheiro eles não conseguem levar em frente suas atividades.

Com a crescente mudança da produção agrícola em produção de mercado, a relação de venda direta entre produtor e consumidor ia se extinguindo, cresce o papel do intermediário,

pois quanto mais distantes e mais extensos se tornavam os mercados que o homem do campo atendia, mais difícil para ele se tornava a venda direta ao consumidor.

A agricultura sob o feudalismo inicialmente se pautava na agricultura de três rotações, onde o esquema era de alternância de afolhamento, cada um desses afolhamentos subdividia-se em diversos campos cultiváveis menores e nesses campos havia para cada unidade agrícola um lote de sua propriedade exclusiva, além dessas terras distribuídas havia a terra indivisa de uso comum, composta de florestas e de pastagens. Na parte cultivável cada família plantava o próprio lote, plantava-se trigo para subsistência, mas a criação de gado e o pastoreio dominavam a atividade agrícola em seu conjunto, e assim a estrutura econômica passou a determinar as características da propriedade.

O sistema de três rotações, com florestas e pastagens, não necessitava de abastecimento vindo de fora. Produzia seu próprio gado e adubo que era necessário ao cultivo das terras e ajudava a prevenir o esgotamento do solo, o sistema de três rotações torna-se insustentável para a agricultura.

Em certos lugares a população se tornará densa a ponto de exigir uma expansão da área de suprimento mediante a transição de para um sistema de produção de ordem maior, para tanto substituir-se-ia a economia pastoril pela criação de gado em estábulos e pela cultura de plantas forrageiras, bem como pelo plantio de beterrabas ao lado dos cereais. Entretanto para que os resultados de uma agricultura intensiva fossem possíveis no continente europeu teria que haver uma revolução das condições existentes;

“O modo de produção medieval estava adaptado às necessidades de uma cooperativa de indivíduos de mesmo nível, tendo todos os mesmos gêneros de vida e produzindo para o uso próprio (...) Agora surgia um mercado caracterizado por necessidades variáveis; desenvolvia-se, assim, a desigualdade entre os companheiros da mesma aldeia, dos quais alguns só produziam em suas terras o suficiente para o próprio uso, enquanto outros produziam quantidades excedentes.” (KAUTSKY, 1986, p. 32-33)

Com este novo modo de produção além da instituição da propriedade privada, abria-se caminho para a agricultura de cunho capitalista.

Sobre esta Agricultura moderna o autor destaca alguns aspectos fundamentais, tais como a divisão do trabalho, a introdução da máquina na agricultura e a criação dos adubos, como o mesmo diz a agricultura é uma ciência:

“Nada caracteriza melhor a agricultura moderna que essa contabilidade, que é fundada em consideração e de ordem científica e comercial. A estreita ligação entre ciência e negócios, ligação tão característica da moderna forma de produção, não ressalta, em nenhum lugar, tão claramente quanto a agricultura. Ela constitui a única atividade profissional cuja contabilidade é ministrada em universidades.” (KAUTSKY, 1986, p. 55)

Logo após o autor argumenta sobre o caráter capitalista da agricultura moderna, inicialmente falando do valor onde para que se transformasse a agricultura feudal vigente em moderna necessitava-se dinheiro, pois como argumenta o próprio autor sem dinheiro (capital) é impossível haver qualquer atividade agrícola moderna. Analisando a agricultura moderna pode-se observar dois: fatos básicos: a propriedade privada com referencia a terra e o caráter mercantil dos produtos agrícolas.

A mercadoria neste novo modo de produção não tem intuito exclusivo de servir apenas as necessidades do próprio agricultor, mas é produzida para ser trocada pelo produtor por outros produtos de que necessita. Com o desenvolvimento da produção de mercadorias e a repetição sistemática da troca, a relação passa a determinar a razão entre os produtos trocados, cada mercadoria recebe, sob certas condições, determinado valor de troca. É lógico que cada produto deva ser útil, ou mesmo corresponda a uma necessidade (real ou imaginaria) para que adquira a característica de mercadoria, ou para que alcance determinado valor.

No momento em que se institucionaliza a propriedade privada da terra e a mesma se torna produtora de mercadorias, os lotes isolados se transformam em mercadoria. Como os meios de produção se transformam em capital, nada impede que se veja na terra uma forma de capital.

Quanto mais a agricultura se encaixa nos moldes capitalistas, mais evidentes ficam as diferenças entre os grandes e os pequenos estabelecimentos e a só situação mudou depois que a servidão feudal deixou de existir e o proprietário da terra foi substituído pelo proprietário fundiário livre. Este iria tratar da terra de preferencia com suas próprias ferramentas, animais próprios, assalariados próprios. A partir desse momento o grande estabelecimento de exploração agrícola passou a revestir-se de uma forma bem diversa daquela que assumira o pequeno estabelecimento.

A diferença que distinguiria o grande estabelecimento de exploração agrícola do pequeno iria apresentar-se inicialmente na forma de cuidar do campo e da casa, na organização da economia doméstica, que passaria a ter uma importância bem maior para o grande estabelecimento.

Diante a superioridade apresentada pelo grande estabelecimento, o pequeno teve que mostrar seus aspectos mais positivos. Aqui se pode citar sua característica mais nobre o trabalho incansável, um esforço sobre-humano, o pequeno lavrador não submete só a si mesmo a este pesado trabalho, mas também sua própria família. Como na agricultura a casa e a empresa encontram-se unidos a força de trabalho que menos oferece resistência (a criança) está sempre a disposição, há também o trabalho infantil nas indústrias.

Esta exigência massiva de força de trabalho apenas se desenvolveu a partir do momento e na medida em que o trabalho em proveito próprio se transforma em trabalho destina ao mercado.

Aparecem neste momento algumas limitações da exploração agrícola capitalista onde ocorre o declínio do pequeno estabelecimento na indústria, claramente onde a indústria passa a dominar, ela desaloja os pequenos estabelecimentos, onde o meio principal de produção agrícola, ou seja, o solo se converte em propriedade particular e passa a imperar a pequena propriedade, podem-se reunir os pequenos estabelecimentos e fazer deles um grande. É nesse caso que o desaparecimento do pequeno estabelecimento serve de pressuposto obrigatório para estabelecimento da grande empresa.

O estabelecimento maior não é necessariamente o melhor, tal afirmação se aplica a agricultura, pois quando analisamos o crescimento de uma indústria conseguimos ver consideráveis pontos positivos.

Porém na a agricultura os resultados não é os mesmos, qualquer aumento nesta empresa significa em condições iguais uma evolução volumétrica de empresa, um aumento dos prejuízos de materiais, emprego de maior força, de meios e tempo. Assim quanto maior a expansão do estabelecimento agrícola, tanto maiores são também as dificuldades encontradas no controle dos operários individuais.

Porém esta expansão não é de todo mal, as vantagens do grande estabelecimento são tão grandes que chegam a compensar largamente as desvantagens decorrentes da maior distancias, contudo, isso só vale para extensões que se encontram dentro de certo limite. Esse limite varia com as condições técnicas, com os tipos de solo e com os tipos de estabelecimento em apreço.

Com a fragmentação da indústria camponesa de subsistência o pequeno lavrador tem que procurar um emprego adicional para complementar seu orçamento domiciliar, já que mesmo suas terras fornecem, agora, o necessário para sua subsistência e nenhum excedente negociável;

Assim, a fim de fornecer maior renda ao produtor a tendência da grande unidade doméstica é transformar-se em pequenas economias de exploração, a forma imediata de atividade secundária que se oferece ao pequeno lavrador é o trabalho agrícola assalariado em outros estabelecimentos, porém a época de solicitação de seus serviços secundários atrapalham suas atividades em seu próprio estabelecimento. A grande necessidade de ganhar dinheiro o faz abandonar as atividades de sua propriedade; terá, então de transferir suas tarefas a sua mulher e filhos.

Começaram a crescer as dificuldades na agricultura produtora de mercadorias, como a lei da herança onde a partilha dos bens da família constitui, no caso do capital, um grande

empecilho à centralização dos bens de capital em uma só mão; a exploração do campo pela cidade que se manifesta em forma de impostos que são arrecadados às custas do pequeno produtor que não possui esse capital, assim tenta transformar ao máximo sua produção em dinheiro, e sabe-se também que maior parte desses impostos arrecadados dos camponeses não voltam como resultados ao campo, mas sim investidos na cidade; o despovoamento do campo nesta parte o autor nos revela os vários motivos que fizeram com que o camponês deixasse o campo para ir para a cidade. De maneira sucinta pode-se apontar o desvio de mão de obra (seja em função ao novo hábito de migrar temporariamente para lugares que ofereçam uma ocupação secundária, seja pela introdução das máquinas que pouparam o serviço de muito trabalhadores), outro fator de despovoamento do campo é com relação à formação da família, os camponeses veem-se obrigados a fugir para a cidade e a conviver com os maus social-democratas, de hábitos moralmente tão condenáveis, com os responsáveis pela destruição do casamento e da família.

Essa migração campo-cidade começa a verificar-se juntamente quando se estabelecem as vias de comunicações. Ligada a questão das vias de comunicação campo-cidade está o crescimento da população agrícola intensiva de mercadorias. Essa maior ligação tanto pode ser benéfica como maléfica. Nem os altos salários, nem o bom tratamento, nem mesmo a possibilidade de adquirir sua própria terra, nenhum desses fatores é capaz de evitar que a grande massa do operariado rural fuja do campo;

Sobre a indústria de exportação:

“Nas condições em que se encontrava o mercado na época o mesmo se apresentava de forma insuficiente, ou seja, tornou-se insuficiente a medida que a população trabalhadora assalariada passa a superar a classe que cria o produto em massa, e só tem condições, por sua vez, de consumir apenas uma parte dessa mercadoria que produz. Assim, a expansão do mercado para além das fronteiras nacionais, a produção dirigida para o mercado internacional e a constante expansão deste mercado tornam-se uma condição vital para a existência da indústria capitalista.”(KAUTSKY, 1986, p.210)

Com a crescente venda de mercadorias pelos continentes, ocorreu também uma revolução completa nos meios de transportes, estes não são apenas necessários para a exportação de seus produtos. A grande indústria capitalista também consome matérias-primas em quantidade bem maior que a sua vizinhança é capaz de fornecer. Antes a via fluvial atendia a essa demanda, porém depois com a exigência um transporte mais rápido, seguro e de baixo custo à ferrovia passou a desempenhar papel importante para o capitalismo.

Quanto à união da indústria com a agricultura esta pode ser observada primeiramente com os produtos agrícolas, que passaram a ser industrializados para se tornarem mais duráveis e apresentarem um valor específico maior.

Uma outra vantagem que levou a indústria até a agricultura foi o fato que a primeira possibilitou a segunda a oportunidade de trabalho durante o inverno, o que naturalmente não ocorria. Foram os latifundiários que primeiro introduziram a indústria em suas terras.

Após a inserção da indústria na agricultura, esta logo mostrou sua face positiva aos pequenos estabelecimentos. Face esta caracterizada pela possibilidade de se estabelecerem ligações múltiplas e proveitosas entre a indústria e a agricultura;

A ação da indústria sobre a agricultura, neste ponto se apresenta a face negativa do desenvolvimento da indústria agrícola, pois processo técnico também provoca resultados capazes de afligi-los ou mesmo de arruinar ramos isolados da agricultura. Certo é que o caráter conservador da agricultura deixa de existir a partir do momento em que se firma o sistema moderno de produção. Insistindo em manter o sistema antigo de produção o agricultor apenas garante a própria derrota.

Para sobreviver é necessário adaptar-se ininterruptamente às novas formas de produzir que a evolução da técnica lhe propõe. A revolução agrícola instala um corre-corre em que todos são empurrados para frente, sem dó nem piedade, até caírem exaustos – exceto alguns felizes desalmados, que pisando nos vencidos, conseguem acompanhar o ritmo da corrida: refere-se aqui aos grandes capitalistas.

Sobre algumas perspectivas do futuro, fala-se sobre as forças propulsoras do desenvolvimento, enquanto no campo, o modo de produção capitalista vem dificultando visivelmente as condições para a formação de uma classe revolucionária, ele favorece pelo menos a cidade, o modo de produção capitalista concentra os capitais nas cidades, em mão de um número cada vez mais reduzido de pessoas.